

A Hospitalidade e a Multivocalidade em Ana Daou

Conviviality and Multivocality in Ana Daou

Gislene Santosⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

(...) Longe, longe ouço esta voz
Que o tempo não vai levar (...)
Sentinela – Milton Nascimento e
Fernando Brant

Uma das coisas que, no primeiro momento, me aproximou da professora Ana Maria Daou foi a sua voz. Em 2014, ao sermos apresentadas no Departamento de Geografia da UFRJ, o seu gesto em dar boas-vindas me impressionou positivamente. Para aqueles que realizam um curso migratório a importância dos gestos de hospitalidade é valorosa – no meu caso, recém-chegada ao Rio de Janeiro e reiniciando atividade docente em outra instituição universitária. Na docência sabemos – aprendemos – o quanto é importante a voz em nossas práticas diárias. Quando me refiro à voz, não digo somente das tonalidades, seus mil tons – o que já seria muita riqueza –, mas da habilidade em articular as palavras em situação de improviso, nos imprevistos, a voz como um ato de aproximação e/ou de afastamento.

No decorrer e na convivência departamental, a forma e prudência da Ana Daou em sua voz, só reforçava as impressões iniciais. O jeito cuidadoso de se exprimir para o outro e com os outros, tudo fazia parte de sua estética de existência. Em sua dupla e sólida formação como geógrafa e antropóloga o estar com os outros e estar no espaço do outro – e/ou com os outros – era o seu princípio de sociabilidade. Estudiosa da alteridade, mantinha estreita (pré)ocupação com as formas de expressão, com a comunicação, com o olhar, a voz, um gesto mudo.

Aos poucos, fui também conhecendo a dimensão acadêmica daquela que seria, ainda que por esse curto tempo, foram nove anos de convivência institucional, minha amiga e interlocutora intelectual. As trajetórias no campo do planejamento urbano e da pesquisa, juntamente com a atividade na docência, pautaram seu rigor metodológico. Ana estava longe da aspereza e da petulância, tão costumeiras em espaços acadêmicos. Falava de modo rebuscado, uma erudição originada em parte pelo tempo despendido em longas leituras e literatura do mundo. Mas tinha consigo a naturalidade no sortilégio das palavras usadas despretensiosamente e sem ostentação.

Algo sempre me chamava a atenção em nossas conversas, ou nas muitas consultas aos seus planos de aula, com toda essa erudição – e vale conhecer a vasta referência biblio-

ⁱ Professora Adjunta do Departamento de Geografia, UFRJ. Coordenadora do Grupo de Estudos em Espaço e População (GePoP). gislene.santos8@gmail.com

gráfica em sua produção textual – Ana Daou tinha uma norma própria de fazer circular o conhecimento: evitar a autocitação. Poucas vezes se referiu diretamente à produção textual própria. Sua abertura à pluralidade e à multivocalidade não era condição abstrata, mas necessária e suficiente ao seu modo próprio de investigação e de atuar como professora. Assim, os espaços de discussão favoreciam a ampliação das perspectivas bibliográficas, (ricos) momentos de trocas, em que a intelectual deixava de lado por vezes, com sabedoria e delicadeza, a produção própria e/ou do seu grupo de pesquisa.

Atenta e observadora das relações sociais, dado o seu ofício de antropóloga, incorporou a auto-observação e a crítica às suas práticas; de certa maneira, tinha um compromisso resolutivo em não moldurar a prática universitária num exercício de militância endógena, reservada a proteger as relações gestadas internamente entre seus pares. Era atenta para não transformar o seu grupo de pesquisa em uma rede fechada, nos moldes das redes parental e/ou familiar. No institucional, é preciso estar atentos e vigilantes para não reproduzirmos os arranjos próprios das relações exclusivas aos espaços domésticos, seja no sentido de consolidar afinidades teóricas, de incrementar o prestígio em autocitações ou de perpetuar as referências sempre entre os mesmos autores e pares, por exemplo.

No campo da pesquisa, suas análises sobre o Estado Novo (1937-1945) se destacam como um dos sólidos trabalhos na geografia brasileira dedicado ao artefato cultural das imagens. Ao analisar a produção das imagens em *Tipos e Aspectos do Brasil* (1954)¹, Daou (2001) reconhece as qualidades do artista Percy Lau, responsável pela produção dos 96 quadros da população brasileira. Entretanto, sua análise está voltada para a produção do imaginário social nacionalista do Estado Novo, articulada a uma política de controle do espaço e das pessoas. Este artigo merece ser considerado como uma precisidade na produção da geografia. A originalidade da análise, a beleza do texto escrito, os procedimentos metodológicos estão detalhadamente informados. Trata-se de um dos trabalhos mais sofisticados para se analisar a invenção, no Brasil, da categoria da população brasileira. Reproduzo aqui um dos fragmentos do artigo:

Se o Estado autoritário tinha uma proposta de construção do nacional, elegendo a multiplicidade de tipos e aspectos enraizados em amplas regiões, o que a vida social se apresenta se distancia, em muito, dessa perspectiva por si só temerosa, dada sua univocalidade, o que promove um conjunto de imagens silenciosas, de homens a que não era dado falar por si. Daou (2001, p. 158).

Vale assim reforçar que a variável população, semântica provinda das políticas do Estado aliada aos projetos desenvolvimentistas, não equivale à pluralidade. Ana Daou está a par que o excesso de ilustrações em *Tipos e Aspectos* tem como objetivo enaltecer o pictórico regional, criando a ilusão de uma coesão nacional, imagem esta produzida pelo Estado Novo. Este projeto de investigação lhe custou um levantamento minucioso de fontes documentais, acervos de imagens e da entrevista realizada junto ao geógrafo Orlando Valverde – de quem, quando da graduação em Geografia, foi aluna na disciplina Geografia Agrária na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e com quem participou das reuniões de estudo com foco na Amazônia.

Esta dedicação pela Amazônia, aqui vale lembrar que a Ana Maria Daou é miana, irá se transformar em tese de doutoramento, publicada em 2014, e, como já

destacamos, uma área de estudo que já a acompanhava desde a graduação. Ao ler o memorial de progressão para Professora Titular do Departamento de Geografia da UFRJ, apresentado em 2018, podemos observar que algumas das problematizações, levantadas ainda na graduação, tiveram centralidade em sua investigação ao longo da carreira: as políticas do Estado, que serão estudadas em sua dissertação de mestrado, defendida em 1988, onde trata dos efeitos sociais da construção da Barragem de Sobradinho; a relação da disciplina de Geografia com uma das agências do Estado, o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) e o seu interesse pela Amazônia.

Em 2010, no mesmo ano do início da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, ocorreu a reunião, em Belém (PA), da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Neste evento, Ana Daou coordenou o grupo de trabalho *Licenciamento Ambiental de Grandes Obras como Objeto de Análise e Lugar do Ofício Antropológico: Etnografia Reflexiva de Poderes e Engajamentos*. Alguns meses depois, a convite dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), escreveu um longo artigo no *Dossiê temático Belo Monte*, que, modestamente, deu o título de *Notas Comprometidas com a Discussão dos Efeitos Sociais de Grandes Projetos Hidrelétricos, Antropologia e a Atualidade da Temática*.

Valendo-se do seu vasto conhecimento empírico e teórico sobre os efeitos das políticas desenvolvimentistas mediadas pelo papel do Estado apresenta, neste artigo, o processo de deslocamento forçado da população ribeirinha, a reorganização dos seus arranjos sociais e espaciais e, fundamentalmente, a presença do rio, ainda que não mais em seu uso material, como base e suporte simbólico cognitivo. O que ela considerou como a força do tempo do rio. Valho-me aqui, da lembrança das nossas conversas, onde ela descrevia as suas longas estadas em Xique-Xique (BA), na margem direita do rio São Francisco, um dos municípios onde realizou o seu trabalho de campo.

Ainda sobre o artigo, ao retomar a sua investigação sobre os efeitos sociais da instalação das grandes barragens, ela oferece aos jovens pós-graduandos uma bagagem metodológica, um equipamento conceitual e, sobretudo, um acúmulo de suas experiências históricas e críticas quanto ao modelo desenvolvimentista da construção de grandes barragens e o desenvolvimento nacional.

Importa registrar que, antes mesmo de figurar no vocabulário da geografia brasileira os verbetes desterritorialização e seus correlatos, Ana Daou já havia defendido sua dissertação de mestrado, na década de 1980, demonstrando empiricamente as profundas alterações no modo de vida da população camponesa, retirada forçadamente do seu território de origem e tendo que reconstruir outras práticas em territórios alhures.²

Penso que a nova geração de pesquisadoras(es) em Geografia, disposta a enriquecer uma epistemologia decolonial, terão na leitura sistemática de sua obra sementes valiosas para reafirmar a importância da Geografia Brasileira, visto que a produção da Ana sempre esteve comprometida com as práticas das comunidades tradicionais, ribeirinhos e indígenas. Especialmente, pela importância e compromisso em compartilhar os seus procedimentos metodológicos, o que lhe conferia respeito tanto no meio acadêmico quanto junto aos grupos por ela estudados.

O pensamento de Ana é complexo e denso, mas o seu estilo e gosto pela escrita entregam a nós, leitoras(es), um convite ao prazer da boa leitura. Penso que no contexto ainda de uma manutenção e mesmo criação de novas tensões culturais, seu trabalho

mereça ser colocado como bibliografia fundamental para entendermos o nosso país, a sociedade brasileira, o papel do Estado na formação da identidade nacional, visto que ela soube construir um olhar apurado e produziu metodologicamente ferramentas para descrever criticamente a uniformidade da edificação do ideário nacional.

Uma obra que convida e nos traz o desejo de participar da construção de uma epistemologia do espaço, fazer valer a leitura das densidades teóricas, o cuidado exaustivo com as categorias de análise, o gosto pelo trabalho de campo prolongado, em suma, fazer valer o fazer científico mantendo, ao mesmo tempo, sua autonomia intelectual.

Mas o que quero mesmo sublinhar é que sentimos a sua falta, caríssima Colega Ana Daou. Quanto mais leio a sua obra mais eu sinto a sua falta. O corredor H, no Departamento de Geografia, ficou pequeno, desbotado, sem a sua presença física e iluminada. Mas também registro que você permanece, ainda que sentida a ausência. A brutalidade dos deslocamentos forçados, tão bem descritos e analisados em suas pesquisas, ainda persiste e necessita de sua coragem metodológica para serem descritos e analisados. Apesar de sua ausência física, não abandonaremos as lições aprendidas em sua “estilosa” biblioteca, entre as conversas, aulas, defesas em bancas e orientações. Nos limites da Ilha do Fundão, vamos laborando para que as lembranças da sua hospitalidade, cortesia, do tom da sua voz, da sua fina e suave ironia, da alegria à novidade e a leitura de um texto sejam os nossos recursos de ofício para um mundo justo, plural, aberto ao diferente e ao espaço em comum.

Referências Bibliográficas

DAOU, A. M. Tipos e aspectos do Brasil: imagens e a imagem do Brasil. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 135-162.

_____. Notas comprometidas com a discussão dos efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos, antropologia e a atualidade da temática. *Revista de Antropologia Social*. PPGAS–UFSCar, v. 2, n. 2, p. 282-298, 2010.

_____. *A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”*. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.

_____. *Memorial para Professor Titular*. Departamento de Geografia, UFRJ. 2018.

Notas

¹ Em 1939, o IBGE publicava a *Revista Brasileira de Geografia*, onde continha os primeiros quadros da série Tipos e Aspectos do Brasil. Nos anos 1940 a 1944 foram publicadas novas séries, em separatas. Posteriormente, os quadros foram incorporados em um único livro. A autora, Ana Daou (2001), em seu artigo utilizou a sexta edição, publicada em 1956, contendo 96 quadros. Para uma apreciação da metodologia e análise, recomendamos a consulta ao seu artigo.

² DAOU, A. M. *Políticas de estado e organização social camponesa: a barragem de Sobradinho*. 1988. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1988.